

# José Mateus - Director Geral TAL

«Esta Trienal é para ser percorrida no seu todo»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA  
PAULA MELÂNEO

**arqa:** Depois de uma 1ª edição em 2007 sobre o tema “Vazios Urbanos”, a Trienal de Arquitectura de Lisboa realiza em 2010 a 2ª edição sobre o tema “Falemos de casas”. Como director geral da Trienal, como caracterizaria a evolução da Trienal de Arquitectura de Lisboa?

**José Mateus:** Há dois níveis de evolução extraordinariamente importantes, ao nível da entidade gestora e em termos de configuração do evento 2010. A Trienal passou a ser gerida por uma Associação privada sem fins lucrativos que é mais ágil em termos operacionais, sem dependência de 1 associado específico – são actualmente 5 os associados – e com acesso a mais vantagens fiscais como a Lei do Mecenato. No seu conjunto, os corpos sociais desta nova Trienal integram figuras de grande relevo do nosso país em várias áreas que vão da arquitectura, gestão cultural, história de arte, direito ou finanças, o que garante uma maior capacidade de actuação futura. Enquanto evento, nesta edição foram introduzidos diversos ajustes que resultam de uma análise crítica de 2007. Foram para nós objectivos centrais a consistência e densidade do programa curatorial e das publicações, mas também nos preocupámos em criar um evento mais inclusivo, acessível a um maior número de pessoas. Procurámos também iniciar uma actuação maior e reconhecimento fora do país. Nesta edição todas as exposições passam a ser gratuitas e estão abertas mais um mês - 3 meses. Trocámos espaços de apropriação difícil e dispendiosa – Cordoaria e Pavilhão de Portugal - por parceiros experientes, plenamente equipados e reconhecidos como destinos culturais fortes da cidade – Museu do Chiado e Museu Coleção Berardo. Temos serviços educativos – que estão a ter uma procura intensa – e todos os projectistas e comissários são novos, em relação a 2007. Temos 3 catálogos – um por exposição – que, sendo mais acessíveis, incluem mais conteúdos do que aquilo que está exposto. Para além destes, há ainda um catálogo geral em formato de bolso bastante económico. No caso da Conferência Internacional, procurámos um formato menos alongado – passa de 3 a 2 dias – numa sala maior e com inscrições a metade do preço de 2007, para permitir acesso a mais gente. Optámos pela Aula Magna, espaço com 1600 lugares o que significa um aumento de 700, face a 2007. Por fim, diria que foi fundamental termos escolhido um curador geral altamente experiente e exterior ao meio da arquitectura. Isso reflecte-se numa programação que escapa a respostas mais óbvias dos arquitectos e numa leitura muito precisa de todos os aspectos envolvidos na organização do evento, desde o conteúdo das exposições à estética da comunicação, etc.

**arqa:** A edição deste ano centra-se especificamente no tema da casa e consequentemente do habitar em geral. O que se pode esperar da

Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010?

**JM:** A casa é um tema facilmente apreensível pelo público não especializado que garante uma maior curiosidade e compreensão dos conteúdos. Mas, a casa é também em termos metafóricos o termo mais abrangente associado à arquitectura em sentido lato. E, há ainda a questão primordial de como o Homem habita o mundo. Por isso, esta Trienal não se foca apenas numa perspectiva de análise tipológica e formal de como a arquitectura da casa de habitação seja ela unifamiliar ou colectiva evoluiu ou é desenhada nos vários pontos do globo. Penso que seria uma abordagem que porventura corria o risco de ser mais pobre. Mas, temos incursões por essa temática como se constata na exposição do Museu da Electricidade. E, é interessante colocar lado a lado essa exposição com a do Museu Berardo, a do Chiado, a *Futureland* do Nuno Cera ou *Falemos de 7 casas em Cascais* e perceber que o que a Trienal tem para oferecer é de facto um conjunto de exposições e eventos que se complementam. Quem for a uma delas – o que já é bom – obtém apenas uma visão parcial e vai sentir que falta algo. Dedicámos um grande cuidado na escolha dos chamados Projectos Associados – exposições propostas por parceiros, produzidas por eles próprios, que integram a programação oficial – e na sua relação com o tema geral da Trienal de modo a garantirmos não só uma qualidade global muito elevada mas um espectro de abordagens complementares e diversas. Esta Trienal é para ser percorrida no seu todo.

**arqa:** Com duas edições realizadas pode dizer-se que a Trienal de Arquitectura de Lisboa caminha para uma fase de consolidação no panorama dos eventos disciplinares internacionais. Quais as linhas de orientação já delineadas para a próxima edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2013?

**JM:** Dentro daquilo que pode ser divulgado, posso referir que a escolha do Curador Geral deverá ser feita através de concurso Internacional. Esse processo já está a ser preparado. Para além disso, queremos consolidar a actuação da Trienal fora do país, podendo dar-se o caso de termos simultaneamente exposições em mais do que um país. Mas, há um aspecto estratégico para nós, que quem está fora da Trienal virá a perceber, que é uma presença permanente entre grandes eventos através de iniciativas que podem ir desde a organização de concursos de ideias, publicações, exposições, tudo o que diga respeito à arquitectura e áreas que com ela se cruzam, seja em Portugal ou no estrangeiro. Aliás, uma primeira questão óbvia será abrir possibilidades de permuta ou itinerância de exposições com parceiros noutros países, tirando assim mais partido cultural das produções dos grandes eventos. ■

*A casa é um tema facilmente apreensível pelo público não especializado que garante uma maior curiosidade e compreensão dos conteúdos. Mas, a casa é também em termos metafóricos o termo mais abrangente associado à arquitectura em sentido lato. E, há ainda a questão primordial de como o Homem habita o mundo.*



Foto: Nuno Cera - corresta Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT

Nuno Cera, Lisboa, Portugal, 2004

# Delfim Sardo - Curador Geral TAL 2010

«A Trienal não se apresenta como proposta unívoca de abordagem das questões»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA  
PAULA MELÂNEO

**arqa:** A edição da Trienal de Arquitectura de 2010 centra-se na questão da casa e consequentemente nas práticas do habitar. Sendo o curador geral da edição deste ano, o que motivou a escolha do tema “Falemos de casas”?

**Delfim Sardo:** Em primeiro lugar, foi uma questão completamente pragmática. Esta partia de um problema prévio que normalmente existe nas exposições e eventos de arquitectura, que é a sua enorme capacidade de atracção de curiosidade e de público e a sua enorme dificuldade de comunicação. Eu queria que o tema da Trienal não resultasse de uma aporia ou de um *cliché* técnico da linguagem arquitectónica e que fosse suficientemente comunicante para poder afectar todas as pessoas de uma forma imediata, ou seja, que o elo a estabelecer com o tema fosse mais experiencial. E portanto a questão da casa e do habitar corporalizava o campo mais comum da prática arquitectónica. Em segundo lugar, a definição do tema permite um tratamento em muitas camadas de sentido, diferentes. A casa tanto pode ser referenciada enquanto construção física, com todas as suas contingências e determinantes que conhecemos pela relação física que com ela temos, como também pode ter um leque muito maior de relações metafóricas ou com outras instâncias de sentido. Isto é, a casa é uma metáfora filosófica ampla e a questão do habitar pode ligar-se a um bloco de sentido que se indexa a todas as questões ligadas à pertença e até a questões identitárias, compreendendo desde o objecto arquitectónico edificado até a uma acepção muito mais lata. A mim interessava-me esta amplitude. Queria que a Trienal sáisse da comunidade arquitectónica mas, ao mesmo tempo, que nessa saída não se perdesse o carácter específico deste momento de debate de questões e de interrogações arquitectónicas, em que estas seriam, de alguma maneira, tornadas comunicantes. Em terceiro lugar, há no tema da casa uma questão política que me interessa particularmente. Quando se fala de casa não se fala apenas da vivenda unipessoal ou unifamiliar, mas também de um problema global que, hoje em dia, é um problema candente. O problema da habitação é também o das transformações das cidades e da construção de espaços urbanos que sejam espaços de reconhecimento identitário colectivo. Portanto, o tema da casa podia ter, como considero que nesta Trienal tem, uma leitura política, sabendo até que, em termos muito pragmáticos, a crise financeira que vivemos neste momento teve origem com um problema de financiamento da habitação. Assim, parecia-me fundamental debater o tema da casa e da habitação. Na realidade, as diferentes interpretações que os vários comissários convidados deram à questão revelam estas variadas temperaturas ou relações do tema. Por fim, havia uma raiz que era o meu interesse e fascínio pelo poema de Herberto Helder que começa precisamente com o verso “Falemos de Casas”. Herberto Helder é o mais arquitectónico dos poetas portugueses e esse poema, não só na felicidade do vocativo, forneceu-me uma espécie de poética do espaço real, que é muito a tónica que a Trienal tenta ter nas suas várias acepções.

**arqa:** Tendo em conta as diversas actividades promovidas pela Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010 (exposições, conferências, concursos, projectos paralelos, etc), como delinearíamos uma cartografia da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010?

**DS:** Estrategicamente, a Trienal está dividida em três pólos expositivos, com

três projectos diferentes de exposição, aos quais se adiciona a conferência internacional e o pólo associado de Cascais. Estes pólos estabelecem um mapa de relações, em diferentes instâncias, com o tema central da Trienal. Era ainda importante manter a estratégia dos concursos que, fazendo parte do processo da actividade do arquitecto, tivessem aqui um local de exposição pública, quer na dimensão formativa quer na da prática profissional. Em ambos os concursos, a escolha direccionou-se para que fossem opções “todo o terreno”. No concurso das Universidades para a Cova da Moura havia a possibilidade de trabalhar uma situação muito complexa em termos sociais e económicos, da sua história e da inscrição no terreno, oferecendo também a oportunidade um forte diálogo comunitário, essencial na pedagogia da arquitectura. E, obviamente, numa cartografia da Trienal, esse pólo tem um correlato na entrada da exposição do Museu Berardo com a memória do SAAL. Portanto, aqui começam a produzir-se relações dentro da Trienal. Pretende-se que as pessoas quando passam pela exposição que está no Museu Berardo e encontram a memória do SAAL – com um projecto muito bem conseguido pela Catarina Alves Costa em resposta ao repto que lançámos –, quando passam pelo Museu da Electricidade e encontram um concurso de Faculdades de Arquitectura, que implica o contacto e um conhecimento *in loco* com uma comunidade, e quando passam no Museu do Chiado e encontram os projectos do Marepe, que se baseiam numa determinada vernacularidade brasileira, estabeleçam e reconheçam um triangulo de relações. Ou quando, no Museu Berardo, passam no núcleo que se relaciona com Luanda, Maputo e Recife e depois na exposição do concurso internacional para Luanda no Museu da Electricidade, continuam sobre esse eixo de relações que privilegia uma determinada acepção política do pensamento sobre a arquitectura. Ao mesmo tempo há uma outra reflexão, mais poética, sobre a prática arquitectónica que transparece noutras zonas do projecto expositivo. Eventualmente, na secção de Portugal, no Museu Berardo, essa abordagem poética das múltiplas valências da prática arquitectónica estará muito presente, embora disfarçada sob o véu da relação do arquitecto com a encomenda e com a recepção da encomenda. Mas é precisamente essa a sua virtualidade, ter a camada poética coberta de um manto diáfano de pragmatismo. Ao mesmo tempo, há o contraponto a isto em algumas obras do Museu do Chiado, do Dan Graham, José Pedro Croft, Fernanda Fragateiro ou Ângela Ferreira, onde se estabelece este tipo de relações de cruzamento de um nível poético com um nível de imersão na realidade, ou mesmo com um nível da importância política da relação comunitária. Consegue-se assim uma rede de relações que não está localizada tematicamente em cada um dos espaços mas que permeabiliza os vários espaços onde a Trienal acontece e que vai, ainda, ter o seu lugar de debate público durante a conferência internacional. O repto que se lançou aos curadores, a Cláudia Taborda e o José Capela, era o da organização de um colóquio em torno da questão Arquitectura e Democracia. Isto foi entendido por eles de uma maneira muito interessante e pouco comum no que é a prática de debate da arquitectura em Portugal, através de uma abordagem que ao mesmo tempo limitou e amplificou o campo. Por um lado, uma maior focagem, por outro, a amplificação ao falar da relação entre arquitectura e política como sendo uma relação endógena e exógena, ao mesmo tempo, como uma relação de representação mútua. As personalidades convidadas para o colóquio, em



Foto: Nuno Cera - cortesia Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT

*A casa é uma metáfora filosófica ampla e a questão do habitar pode ligar-se a um bloco de sentido que se indexa a todas as questões ligadas à pertença e até a questões identitárias, compreendendo desde o objecto arquitectónico edificado até a uma acepção muito mais lata. A mim interessava-me esta amplitude.*

muitas instâncias, cobrem muitas das preocupações que estão visíveis nos momentos expositivos da Trienal. Por fim, tudo isto se cruza com os catálogos que achamos que fazem sentido em conjunto e, provavelmente, mais sentido farão ainda com a edição prevista das actas do encontro internacional. A maneira como estão organizados fornece um mapa dessas relações, havendo, evidentemente, referências textuais que permitem fazer a leitura destas relações cruzadas. A Trienal não se apresenta como proposta unívoca de abordagem das questões. Tem um corpo de pensamento que, podendo ser obviamente criticável e discutível, se centra numa formulação base que se centra na ideia do dialogar.

**arqa:** Tendo em conta o contexto contemporâneo, como interpreta o debate actual da questão do habitar?

**DS:** No debate da arquitectura que hoje se estabelece, esta questão está sempre moldada por uma espécie de preconceito Heideggeriano. Isso é muito visível no texto apresentado no catálogo de Veneza ou nos depoimentos de alguns dos pensadores entrevistados da secção de Portugal, do Museu Berardo. Tenho alguma relutância no tratamento Heideggeriano da questão, embora saiba que não consiga fugir a ele de maneira determinada. Aliás o subtítulo da exposição do Museu do Chiado, “Construir, Desconstruir, Habitar”, é obviamente um volte-face ao primado Heideggeriano. Este primado está ligado e equaciona de uma maneira muito intensa as questões da pertença, ou seja, em termos de pensamento, entre fazer habitação e a ideia de pertença. Mas esta questão está hoje em dia em claro conflito com um mundo de deslocação permanente e que é um mundo de inevitável desenraizamento. Esse desenraizamento tem, não só uma conotação negativa como tinha na acepção Heideggeriana, mas também uma conotação de mobilidade que, no pensamento arquitectónico, tem uma tradição muito importante desde a década de 50, onde há um grande pensamento sobre a questão da mobilidade e da deslocação – o facto de Yona Friedman participar na conferência internacional é um sinal de que essa questão é fundamental. Portanto temos duas acepções, que se cruzam nesta Trienal, uma que tem que ver com uma espécie de conforto do ser e outra que tem que ver com uma espécie de necessária estranheza da habitação. Provavelmente, a exposição da questão da estranheza, do chamado *Architectural Uncanny* ou *Unhomely* de que fala Anthony Vidler, está colocada de uma forma mais clara na exposição do Chiado, ou, curiosamente, na secção Suíça do Museu Berardo comissariada pelo Diogo Seixas Lopes. O importante é tentarmos encontrar uma possibilidade de voltar a pensar a relação de especificidade da arquitectura fora do contexto do inevitável Regionalismo Crítico de Kenneth Frampton, que é um texto de 1983 e por isso se reporta a um mundo que já não existe há 30 anos. Não existe porque a tónica na nação, de que fala Frampton, é uma tónica que tem hoje de ser reequacionada em relação a um mundo no qual a especificidade da nação não corresponde, mais uma vez, à especificidade do lugar. Há imensas especificidades do lugar que não são nacionais. Esta Trienal não tenta promover nenhum tipo de paixão pela vernacularidade do específico, o que tenta é pensar de uma forma mais moderna, bem menos conservadora, a ideia de que num mundo em circulação a diferença de ritmo ou a desaceleração da detecção de uma especificidade é importante, certamente na

prática da arquitectura e também porque faz parte do processo das artes em geral. Mas este balanço subjaz a uma necessidade de debate, que é o que esta Trienal tenta lançar.

**arqa:** A Direcção Geral da Artes em colaboração com a Trienal de Arquitectura foram responsáveis pela representação portuguesa na 12ª Bienal de Veneza 2010, comissariada por Kazuyo Sejima sob o lema “People meet in Architecture”. O comissariado, composto pela equipa da Trienal, apresentou um programa curatorial no âmbito da mesma temática da Trienal 2010. Tendo em conta a resposta aos temas da Bienal de Veneza e da Trienal de Lisboa, que balanço se pode fazer da participação portuguesa em Veneza?

**DS:** A representação em Veneza foi pensada como um quinto pólo da Trienal. Um pólo pensado especificamente para Veneza, tendo em conta a contingência de Portugal não possuir um Pavilhão, mas com a felicidade de este ano ter um espaço com grande visibilidade na Universidade. A proposta para a representação em Veneza seguiu o espírito da Trienal, em que se procurava a simplicidade e que se conseguisse “explicar numa frase”. Assim, são 4 projectos de habitação, de 4 arquitectos portugueses mostrados pelas suas maquetas e por 4 filmes de artistas. O comissariado – meu, do José Mateus, da Rita Palma e da Julia Albani – partiu do princípio de que é mais interessante mostrar um projecto arquitectónico através de um veículo cinemático do que através de outro veículo qualquer. Admitimos que existe uma espécie de cinemática do espaço que permeabiliza várias práticas culturais contemporâneas e que poderia aqui ser aplicada fazendo com que o objecto arquitectónico não fosse visto tecnicamente, mas fosse visto pelos espectadores corporal e afectivamente. Corporalmente porque um espaço de projecção é sempre corporalizado, remete sempre para um corpo em deslocação, portanto o corpo do espectador relaciona-se com o corpo do ecrã, com a imagem em movimento e portanto essa corporalização era a forma mais viável para podermos mostrar aquele projecto arquitectónico. Afectivamente porque o repto que foi lançado aos artistas para a documentação dos projectos foi o de não lhes imprimir a necessidade de documentarem exaustivamente a casa, mas de se reportarem a uma experiência daquele sítio. E, embora o seu trabalho seja mais ou menos mostrado, todos os autores dos objectos arquitectónicos têm uma excelente relação com o objecto fílmico realizado, compreendendo que este abre um campo de expectativa. Para nós é importante mostrar a arquitectura como um campo de expectativa emocional e afectiva, pois parece que essa é a nossa instância normal de relação com os objectos arquitectónicos que são, também, por natureza afectiva, objectos ficcionais, são lugares onde aconteceu, onde pode acontecer, onde procuro construir esta atmosfera ou obter aquela temperatura. E portanto nessa multiplicidade pareceu-nos que essa era uma fórmula interessante de mostrar. A razão da escolha dos quatro projectos foi um percurso longo. Provavelmente, a escolha que levanta menos interrogações será o projecto do Bairro da Bouça, de Siza Vieira, porque ele próprio conta a história social, política e arquitectónica de Portugal nos últimos 30 anos. A escolha dos projectos de João Luís Carrilho da Graça, dos Aires Mateus e de Ricardo Bak Gordon correspondem a três idiossincrasias, a três coincidências de factores. Sendo projectos muito interessantes, nenhum deles



Foto: Nuno Cera - cortesia Galleria Pedro Cera, Lisboa, PT

*Esta Trienal não tenta promover nenhum tipo de paixão pela vernacularidade do específico, o que tenta é pensar de uma forma mais moderna, bem menos conservadora, a ideia de que num mundo em circulação a diferença de ritmo ou a desaceleração da detecção de uma especificidade é importante, certamente na prática da arquitectura e também porque faz parte do processo das artes em geral.*

é, provavelmente, o projecto que seria evidente de escolha de cada um deles. Esse carácter, um pouco lateral, foi considerado interessante, mostrando uma casa à beira-mar, uma casa no Alentejo, uma casa na cidade e um bairro de habitação social, todos no âmbito de grande simplicidade. Portugal tem um problema para as representações internacionais, em termos de arquitectura e no âmbito específico da habitação. Se tentarmos encontrar um número muito limitado de objectos extraordinários o que encontramos são maravilhosas casas de campo. Isto pode produzir um discurso ideológico muito duvidoso e pode dar uma ideia de Portugal como uma espécie de reino de *gentleman farmers*. Não queríamos imprimir esse cunho, queríamos que as casas não tivessem recursos gigantescos para a sua construção e que não representassem a vivenda exemplar de uma aristocracia rural portuguesa. E por isso seguimos esse outro caminho. Mas é difícil avaliar a recepção desta Bienal. Pela minha experiência, a avaliação de uma Bienal de Arte é mais fácil pois o discurso crítico nas artes é mais incisivo, enquanto na arquitectura é muito mais formal e descritivo. No geral temos a ideia de ter sido uma aposta bem sucedida da qual ficou uma peça bibliográfica que esclarece a nossa posição, apresentando um texto sobre o habitar em Portugal e uma boa documentação dos projectos.

**arqa:** Está subjacente às actividades promovidas pela Trienal uma forte relação e cumplicidade entre arte e arquitectura. Curiosamente, temos um comissário geral do campo das artes num evento de arquitectura, as exposições da Trienal do Museu Berardo e do Museu do Chiado cruzam de forma muito evidente os dois discursos, a representação em Veneza colocou em diálogo os projectos dos arquitectos com as visões dos artistas, etc. Como entende a relação contemporânea entre arquitectura e arte, tendo em conta as especificidades dos seus campos disciplinares?

**DS:** O meu pressuposto para construir essa relação é de que arte e a arquitectura são dois domínios com diferentes incisões sociais e diferentes contornos culturais, mas que “tropeçam” e têm vindo a “tropeçar” mutuamente ao longo de todo o séc. XX. Não é uma afirmação pacífica entre arquitectos, onde muitos defendem que a arquitectura é arte, embora considere esta uma visão pré-moderna da questão. Arte e arquitectura têm enormes zonas de confluência e de intersecção. Há arquitectos que incorporam inúmeras práticas artísticas no seu trabalho e o contrário também acontece, mas isso não faz confundir os dois campos. O diálogo só se processa de forma interessante a partir da diferença e nunca da miscigenação. Por mais que a arquitectura se lance em determinadas versões de si mesma, nas quais a componente de uma tradição que venha do universo da arte seja absolutamente determinante, ou o facto da arte se lançar em projectos que encontram no campo da arquitectura a maior parte das suas referências, esses movimentos só são eficazes desde que os seus protagonistas não percam, tal como os atletas, a noção exacta de qual é o “pé de chamada”. Há que saber que o salto pode ser na direcção de uma outra área de procedimento, cultural, teórica ou operativa, mas que terá de ter um forte “pé de chamada” e um forte momento de balanço. E por isso a construção destes diálogos é particularmente interessante quando percebemos de que forma é que o diálogo está a ser construído e sabemos também que o seu resultado se situa num terceiro campo cujo nome não é nem será nunca evidente, mas que resulta de uma diferença. Existe ainda um terceiro pólo

nesta temática que são as práticas filmicas. O filme é o terceiro ponto deste triângulo e da construção de uma cinemática da tridimensionalidade que é importante no interior das artes visuais e das práticas cinematográficas, fazendo parte da natureza do próprio cinema. Nas artes visuais é um movimento que se foi gerando de maneira consciente desde as primeiras vanguardas, como na grande aventura russa onde esse diálogo é absolutamente procurado pelas artes visuais por motivos completamente pragmáticos. Isto porque ir em direcção ao espaço real da vivência, seja da cidade, da parede ou do muro, era a condição que a arte podia ter para conseguir encontrar uma vocação social. E portanto a arquitectura e o seu *modus operandi* forneceu às artes uma fortíssima determinante política e social. As artes dos movimentos de vanguarda utilizaram essa relação de uma forma muito intensa, mais ou menos consciente, mais ou menos programática, mas sempre muito presente. No caso da arquitectura, diria que foi passando por um processo exógeno, sobretudo desde época de 50, tentando encontrar o seu próprio “fora de si”, algo que já se tinha passado nas artes desde as primeiras vanguardas, mas que na arquitectura não se tinha passado da mesma maneira. Ela encontra esse “fora de si” em dois campos prioritários, por um lado, o campo das ciências humanas e sociais, com uma fortíssima tónica nos campos da sociologia e antropologia, por outro, no campo das artes visuais. Para muitos projectos arquitectónicos, as artes visuais constituem as suas condições de possibilidade, aquilo que Kant chamaria de “transcendentais”. A arquitectura tem nas artes visuais, em muitos momentos, o seu transcendental, como o contrário também se verifica. E assim, parece inevitável que hoje em dia essa condição seja patente nos momentos expositivos, sendo que há zonas onde essa fronteira nos coloca nesse tal terceiro corpo sem nome. Há zonas onde os papéis mútuos estão completamente definidos, como na secção de Portugal, do Museu Berardo, onde o papel de André Cepeda é completamente definido dentro do contexto, no entanto a sua identidade artística continua totalmente clara. O Museu do Chiado é uma zona particularmente extremada, onde essa relação é abordada do ponto de vista das artes visuais, com menos contingências da prática artística do que da arquitectónica. Por exemplo, os quatro artistas portugueses que fizeram projectos específicos para a Trienal lidam de maneira muito diferente com a arquitectura, a Fernanda Fragateiro e a Ângela Ferreira de uma maneira física e estrutural, o Carlos Nogueira de forma mais metafísica e o José Pedro Croft de maneira simbólica. Existem por isso várias abordagens desta questão, umas que se situam mais no campo literal, outras mais no campo simbólico, outras no campo afectivo, tentando que essa conjugação de preceitos, conceitos e afectos seja um pólo de relação sincera. Já em Veneza, houve dois momentos muito interessantes na nossa proposta curatorial, um foi a procura dos projectos das habitações e o outro pensar que artistas podiam dialogar intensamente com aquelas peças. Quando escolhemos cada artista foi por uma razão específica para cada projecto e achamos que funcionou bem.

**arqa:** Pode-se já fazer um balanço da Trienal de Arquitectura 2010?

**DS:** Sendo ainda um pouco cedo para fazer um balanço, as inaugurações são um termómetro interessante e percebeu-se que havia uma receptividade que tinha uma excelente energia, aberta e disponível, quer no campo da arquitectura e dos artistas, mas também dos estudantes. ■



Foto: Nuno Cera - cortesia Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT